

ENTRE A GREVE E O PIBID: UM OLHAR PARA AS PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PIBIDIANOS

Davi Cotrim¹
Italo Melo Menezes²
Kauã Henrique Oliveira Batalha³
Guilherme Nogueira Dias⁴
Jheniffer Micheline Cortez⁵

RESUMO

A greve é um movimento social de luta de diversos grupos de trabalhadores, como os professores da Educação Básica, que é assegurada pela Lei nº 7.783/89. Apesar das conquistas e a importância de movimentos grevistas na educação, é inegável que há prejuízos didáticos tanto aos professores quanto aos estudantes da Educação Básica e, consequentemente, aos estudantes dos cursos de Licenciatura atuantes nas escolas por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Assim, no presente trabalho realizamos uma análise dos movimentos grevistas de docentes da rede de ensino pública do Distrito Federal (DF) dos últimos 10 anos. A motivação deste estudo se dá pelo movimento de greve ocorrido entre os dias 02 a 25 de junho de 2025 que interrompeu as atividades de ensino nas escolas parceiras do Pibid, subprojeto de Química. Analisamos os motivos das greves, sua duração média, as reivindicações dos professores, as conquistas obtidas e as pautas recorrentes. Por meio de um questionário, investigamos no contexto da escola-campo as percepções dos professores sobre o movimento, bem como dos discentes vinculados ao Pibid atuantes na escola da região administrativa de Taguatinga. Os resultados apontam que os docentes da escola perceberam poucos avanços na greve de 2025, incentivada pela busca de valorização salarial e profissional, além da luta da classe para evitar o sucateamento da Educação pública. Apesar disso, os discentes participantes do Pibid viram a greve como uma experiência formativa relevante. Ambos os grupos concordam com a importância de informar os alunos sobre as razões da greve, evidenciando a sensibilização quanto às questões políticas. Apesar de algumas diferenças nas perspectivas dos professores e pibidianos, é de comum acordo o reconhecimento de que a greve é um instrumento na defesa da valorização profissional docente e pela educação pública, gratuita e de qualidade.

Palavras-chave: Paralisação, Formação de Professores, Educação.

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade de Brasília – DF, Davi.iq.pf@gmail.com;

²Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade de Brasília – DF, melooitaloo@gmail.com;

³Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade de Brasília - DF, kauabatalha.df@gmail.com;

⁴Professor supervisor: Doutor em Educação em Ciências, Centro de Ensino Médio Taguatinga Norte - DF, dng1931@gmail.com;

⁵Professora orientadora: Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática, Instituto de Química - IQ/UnB - DF, jheniffer.cortez@unb.br.

INTRODUÇÃO

A greve é um direito trabalhista assegurado no Brasil pela Lei nº 7.783 de 1989 (Brasil, 1989) que se estabelece a partir dos conflitos de interesse entre patrões e empregados. França (2019) discute que a origem do termo “greve” advém de uma localidade de Paris, na França: a praça *Grève*. Neste local, a classe trabalhadora se reunia com o propósito de dialogar, debater, formular demandas, protestar contra os empregadores e efetivar as paralisações. Com o passar do tempo, o ato de permanecer na praça *Grève* tornou-se sinônimo de paralisação trabalhista. De acordo com Bourdieu (1983), a greve é o principal instrumento de luta, cujo efeitos simbólicos são decorrentes da manifestação, coesão do grupo, da ruptura coletiva e da ordem comum que ela produz.

No contexto da Educação, a organização dos docentes em associações e sindicatos que buscam assegurar direitos dos professores foi tardia (Rosso e Lúcio, 2004). Conforme esses autores, enquanto setores como a indústria já tivessem sindicalizados no final do século XIX, a primeira organização dos professores se deu pela criação da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo em 1945, quando o número de trabalhadores na educação era superior a 120 mil e a classe docente só passou a ser sindicalizada após 1975 (Rosso e Lúcio, 2004). Nas palavras dos autores, “por meio da organização sindical, os docentes não apenas defendem seus direitos. Eles perpetuam, através das gerações, o princípio de que é importante que os trabalhadores se associem para auto defender-se e para promover o desenvolvimento humano” (Rosso e Lúcio, 2004, p. 116).

Já no Distrito Federal (DF), a primeira greve docente ocorreu no ano de 1979 e, apesar da duração de 23 dias, não houve nenhuma conquista da classe, apenas demissões e repressão. Essa greve foi instaurada por meio do recém-criado Sindicato dos Professores do DF - SINPRO, constituído por docentes que se organizavam desde 1960 por meio da Associação de Professores do Ensino Médio de Brasília – APEMB (Rosso e Lúcio, 2004).

Embora muitos movimentos grevistas não tenham trazido nenhuma conquista, em outros casos a greve se tornou um instrumento político para obter reajustes salariais, a implantação de um Plano de Carreira, outras gratificações e benefícios aos professores, progressão da carreira docente, contratação e convocação de professores efetivos e temporários, além de melhores condições de trabalho como tempo destinado à coordenação (SINPRO, 2017). Conforme consta no Manual da Greve (SINPRO, 2017), desde 2007 a greve passou a ser um instrumento anual de luta pela manutenção e conquista de direitos trabalhistas dos professores. No Quadro 1 destacamos as greves ocorridas na última década (2014-2024), sua duração e as reivindicações feitas pelos professores.

Quadro 1 - Greves dos Professores do Distrito Federal ocorridas entre 2014 a 2024

Ano	Mobilização	Conquistas
2014	Várias paralisações	Reajustes salariais de março e setembro; Reajuste do tíquete-alimentação para R\$ 394,50; Convocação de mais de 3 mil professores concursados; Realização de concurso público para o cargo de Pedagogo-Orientador Educacional.
2015	Várias paralisações: Greve na primeira semana de aula e 29 dias de greve (segundo semestre)	Reajuste salarial de março (5ª etapa do Plano de Carreira). Greve de 29 dias em outubro devido ao calote do reajuste de setembro.

2016	Várias paralisações	Ampliação da Licença-paternidade para 30 dias.
2017	27 dias de greve	Contrato Temporário: Os(as) professores(as) da disciplina Atividades começaram a receber o salário como nível superior (PQ3). Um adicional de pouco mais de R\$ 1.000 (hum mil reais) no salário bruto.
2019	Paralisação Nacional	Nenhuma conquista
2022	Várias paralisações	Nenhuma conquista. As reivindicações foram atendidas em 2023.
2023	22 dias de greve	Nomeação dos aprovados no concurso público (Edital nº 31/2022), incluindo vagas imediatas e cadastro reserva; Proposta de Lei (PL) para ampliar o recesso dos servidores da Secretaria de Educação para 15 dias corridos; PL para garantir isonomia nos percentuais de coordenação pedagógica para regime de 20 horas; Autorização da ampliação da carga horária dos servidores do Magistério; Incorporação gradual das gratificações Gaped e Gase em seis parcelas de 5%; PL prevendo intervalo de para descanso e/ou refeição; Negociação dos dias parados sem corte de ponto.
2024	Várias paralisações	Nomeação de 1600 professores(as)

Fonte: SINPRO (2017, 2019, 2022, 2023, 2024)⁶

No dia 2 de junho do ano de 2025, iniciou-se o último movimento grevista dos professores da rede pública do DF, que teve a duração de 24 dias. Esse movimento também foi vivenciado pelos estudantes bolsistas participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), neste texto intitulados de pibidianos. Durante esse período, tivemos algumas mudanças nas dinâmicas das nossas atividades do Pibid, interferindo no convívio em sala de aula. Devido ao impacto da greve, por meio deste estudo buscamos investigar as concepções sobre os impactos e contribuições da greve na perspectiva dos pibidianos e dos professores da escola-campo vinculada ao Pibid.

METODOLOGIA

Este estudo, de natureza qualitativa, buscou a compreensão do contexto e significados (Minayo, 2012) no âmbito do Pibid, subprojeto de Química, de uma Instituição de Ensino Superior Pública Federal. A escola-campo vinculada ao Pibid/Química em que o estudo foi desenvolvido está localizada na Região Administrativa de Taguatinga - DF.

⁶ As informações dos anos de 2014 a 2017 foram obtidas por meio do Manual de Orientações Para a Greve do SINPRO-DF. As demais informações foram consultadas em sites do DF como o do próprio SINPRO, Correio Braziliense e Eu, Estudante. Durante a busca, não foram encontradas informações consideradas pelos autores completas quanto à quantidade de dias de paralisações e/ou reivindicações conquistadas.

A coleta dos dados se deu mediante a aplicação de dois questionários durante o movimento grevista de 2025. O Questionário 1 (Q1) foi destinado aos Professores da Educação Básica que atuam na escola-campo vinculada ao Pibid, e o Questionário 2 (Q2), aos pibidianos. A participação na pesquisa foi voluntária e realizada por meio de um formulário on-line, divulgado por meio de mídias sociais (*WhatsApp*), sendo recebidas ainda respostas depois do final da greve. Obtivemos 26 respostas, sendo 16 dos professores e 10 dos pibidianos. Os participantes não se identificavam ao enviar o formulário e para análise das respostas foi atribuído um código seguido de um número atribuído aleatoriamente, sendo a letra P designada para os professores e B para os bolsistas do Pibid.

Os instrumentos adotados visam, de forma intencional, identificar concepções dos sujeitos em relação à greve, buscando compreender se os participantes conhecem e compreendem os motivos do movimento grevista, assim como o grau de apoio. O Q1 tinha como objetivo traçar o perfil docente, a participação na paralisação e as concepções que emergiram sobre a greve. Foram feitas sete questões objetivas e sete questões discursivas, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Questionário destinado aos professores da Educação Básica

1. Qual disciplina leciona atualmente?
2. Qual sua carga horária semanal?
3. Você é professor efetivo, temporário ou outros?
4. Quanto tempo atua como docente?
5. Você aderiu à greve dos professores em 2025?
6. Se “sim” ou “parcialmente” quais os motivos o(a) levaram a aderir?
7. Se “não” quais motivos o(a) levaram a não aderir?
8. Já participou de greves anteriores?
9. Você se lembra quais movimentos grevistas anteriores participou? Cite-os.
10. Você considera que a greve de 2025 trouxe algum avanço?
11. Justifique a resposta anterior
12. Considera importante que os alunos sejam informados sobre as razões da greve?
13. Justifique sua resposta anterior
14. Use este espaço para deixar algum comentário que considere relevante. Fique à vontade para compartilhar suas ideias!

Fonte: os autores (2025).

Já o Q2 buscou compreender o nível de participação, a compreensão dos motivos e suas respectivas justificativas por parte dos pibidianos. Além disso, buscou-se identificar as contribuições da greve para a formação dos futuros professores. Foram feitas uma pergunta objetiva e seis discursivas, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Questionário destinado aos pibidianos

1. Qual o seu núcleo?
2. Sabe dizer quais são os motivos da greve dos professores iniciada no dia 02 de junho?
3. Qual a sua posição diante a greve?
4. Você participou de alguma assembleia? Se sim, conte como foi a experiência.
5. Em sua opinião, como a greve afeta a Educação Básica?
6. Como você acredita que vivenciar o período da greve durante o Pibid contribui para a sua formação como professor.
7. Antes de vivenciar a greve no Pibid, qual era a sua opinião sobre as greves dos professores?

Fonte: os autores (2025).

A análise adotada possui caráter qualitativo, com foco na interpretação dos significados existentes nas respostas obtidas dos dois grupos - professores e pibidianos. Inicialmente, foram colhidas informações para compreender o perfil dos professores, além de identificar de qual escolas-campo os pibidianos estavam vinculados. Após isso, as respostas dos professores e pibidianos foram interpretadas separadamente. Em seguida, foram analisadas integralmente, possibilitando observar pontos de convergência e divergência entre as percepções de ambos os grupos.

Após uma leitura flutuante das respostas, elas foram agrupadas por similaridade nos seguintes eixos, determinados *a posteriori*: Eixo 1: Valorização e condições de trabalho reivindicados e conquistados pela greve; Eixo 2: Sentido político e coletivo da greve; Eixo 3: Impactos da paralisação na educação básica; Eixo 4: Formação docente e consciência crítica; e Eixo 5: Divergência e percepções críticas. Esses eixos foram criados e definidos a partir dos sentidos das respostas coletadas, de modo que todas as falas fossem englobadas em fatores comuns relacionados à greve.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, quanto ao perfil dos professores participantes da pesquisa, fica evidente que se trata de um perfil majoritariamente experiente: 75% são efetivos e 25% são temporários, com 62% atuando acima das 30 horas semanais. Além disso, 70% possuem uma carreira docente longínqua, ultrapassando os 10 anos. Já entre os pibidianos, são de duas escolas-campo diferentes, uma na região administrativa de Taguatinga e a outra no Paranoá. Esses dados exprimem que o grupo reúne tanto professores com uma vivência docente

consolidada quanto estudantes em formação, o que possibilita uma análise ampliada sobre as percepções da greve.

A análise das questões 6, 7, 10, 11, 12 e 13 do Q1 e das questões 2, 3, 4, 5 e 6 do Q2, possibilitaram a criação dos cinco eixos. Essas questões estavam relacionadas às motivações da greve, os avanços conquistados e os impactos da greve na formação dos professores e nos estudantes da Educação Básica. No Quadro 4 são apresentadas algumas falas representativas dos professores e pibidianos em cada um dos eixos.

Quadro 4 - Eixos sobre as concepções dos professores da Educação Básica e dos pibidianos sobre a greve

Eixo 1: Valorização e condições de trabalho reivindicados e conquistados pela greve	
Pibidianos B1: “Melhores condições de trabalho, melhores salários” B3: “Reivindicações de melhora de carreira, reajuste salarial, valorização do trabalho docente, falta de professores efetivados e chamado de professores para escolas” B5: “que ganha salários que não refletem suas formações.” B6: “Apoio, pois é necessário cobrar melhor qualidade de educação para o governo”	Professores P1: “Ampliou-se gratificação para pós-graduados (para o próximo ano), chamarão mil concursados, farão novo concurso no próximo ano, retomarão a discussão para reestruturação do plano de carreira.” P3: “Salário, não efetivação dos professores concursados, inflacionamento de professores em regime de contratação temporária.” P7: “A falta de reconhecimento, os baixos salários e as condições precárias de trabalho.”
Eixo 2: Sentido político e coletivo da greve	
Pibidianos B3: “[...] e também quando há lutas pelos direitos somos deixados de lado” B4: “Como principal forma de luta da classe trabalhadora, toda greve deve ser trabalhada e respeitada.” B9: “Quando exercemos a função de professor com certeza iremos ter a oportunidade de participar de greves” B10: “Apoio desde que seja uma decisão comum e coletiva.”	Professores P3: “Acredito que sem a greve a classe dos professores não se faz ouvida pela sociedade e pelos governantes.” P6: “O principal avanço é sempre continuar em movimento[...], devemos sempre estar atentos ao movimento e à luta.” P9: “Toda a comunidade escolar precisa conhecer a pauta” P13: “Solidariedade aos colegas”
Eixo 3: Impactos da paralisação na educação básica	
Pibidianos B2: “Sua consequência acaba por agravar o aprendizado dos alunos, os próprios professores.” B5: “Afeta a continuidade do conteúdo mas é recuperável.” B8: “Essa última em específico serviu de atraso para o desenvolvimento educacional de conteúdos específicos dos estudantes do ensino regular”	Professores P4: “Os alunos precisam dessas informações e nas trocas pedagógicas com os alunos.” P5: “Os alunos sabem das nossas condições de trabalho e podem estar do nosso lado, se tiverem informações.” P7: “Precisam ser conscientizados sobre as questões relativas à nossa profissão.” P14: “Os alunos são os mais prejudicados.”
Eixo 4: Formação docente e consciência crítica	
Pibidianos B6: “Através das assembleias foi possível	Professores P2: “Os alunos devem saber para compreender

<p>entender melhor o contexto escolar e suas necessidades.”</p> <p>B9: “Foi uma experiência que nunca vivi, mas foi de grande importância para saber como funciona. Quando exercermos a função de professor com certeza iremos ter a oportunidade de participar de greves!”</p>	<p>que a greve é o último recurso para que o governo se atente a algo importante que é a educação”</p> <p>P4: “Os alunos precisam dessas informações para a construção de visão crítica da sociedade.”</p> <p>P10: “Eles [os alunos] também precisam aprender a lutar.”</p>
Eixo 5: Divergência e percepções críticas	
<p>Pibidianos</p> <p>B4: “mas levando em consideração o quantitativo de greves e as reivindicações conseguidas, não está sendo resolvido com eficiência, quais medidas podem ser tomadas diante disso? Levar a outras instâncias?”</p> <p>B6: “a votação da proposta demorou muito pois o governo decidiu fazer uma proposta durante a assembleia o que provocou uma diminuição da quantidade de pessoas e do engajamento.”</p> <p>B8: “[...] tanto que uma vez feita as eleições a greve foi derrubada pelos próprios membros do sindicato recentemente eleitos”</p>	<p>Professores</p> <p>P5: “Ainda não vimos nenhum resultado e o final foi deprimente.”</p> <p>P6: “[...] ainda que aconteçam momentos como o que vivemos com a greve tragam a sensação de desmotivação”</p> <p>P15: “Não houve ganho efetivo para todos. O pouco que prometeram, se cumprido, será para o ano que vem.”</p> <p>P16: “Nada de relevante diante das razões que motivaram a greve.”</p>

Fonte: os autores (2025).

A greve de 2025 foi vivenciada de maneira profunda e relevante pelos dois grupos, entretanto sob perspectivas diferentes. Para os docentes, o movimento representou o ciclo de uma luta que perdura há anos, enquanto para os pibidianos foi um momento de aprendizado e de experiência sobre o que é ser docente em um contexto de instabilidade e desvalorização. Entre os 26 participantes, 88% destacaram em suas respostas algum tipo de percepção sobre valorização e reconhecimento profissional (Eixo 1), indicando que o tema atravessa tanto os discursos de professores quanto de licenciados.

Entre os professores da Educação Básica, predominou o sentido de que a greve é uma ferramenta essencial de resistência contra o sucateamento da profissão, os salários defasados e a falta de reconhecimento profissional. Cerca de 81,25% das falas dos docentes estão presentes no Eixo 1 “Valorização e condições de trabalho”, apontando a luta por reajuste salarial e melhoria da carreira. Além disso, 68,8% afirmaram a participação em movimentos anteriores, explicitando que a grande parte já vivenciou a luta da classe, e 93,7% aderiram à greve de 2025, sendo 87,5% adesão total e 6,2% adesão parcial.

Esse resultado destaca a importância da busca por melhores condições e por direitos, mesmo quando os resultados fossem incertos e distantes. Termos como “defasagem salarial”, “falta de efetivação de concursados” e “promessas não cumpridas” surgiram de forma recorrente, revelando um sentimento de depreciação, mas também de persistência. Apesar da frustração com o desfecho do movimento de 2025 e com os avanços limitados dessa greve,

muitos professores julgam que parar as atividades seja uma das únicas formas de serem ouvidos e de manter viva a luta pelo compromisso com a educação pública.

Já para os pibidianos, a greve foi um espaço de aprendizado e de crescimento pessoal e profissional. Vivenciar o movimento dentro da escola e no sindicato proporcionou aos licenciados o contato direto com a realidade do trabalho docente, mostrando que é uma trajetória marcada por lutas e desafios, mas também por engajamento político e social. Todos os 10 pibidianos (100%) contribuem com falas ligadas ao eixo da valorização profissional e às condições de trabalho (Eixo 1), enquanto 60% também associa ao Eixo 2 da greve no sentido político e coletivo de luta. Ainda, 70% das falas mostraram que vivenciar o período de greve contribuiu fortemente para a formação docente e da consciência crítica (Eixo 4), relacionando a experiência com a compreensão dos direitos e da luta pela educação pública. Em suas respostas, os pibidianos relataram ter aprendido a lutar junto aos professores por condições dignas de trabalho e concordaram sobre a importância da união da categoria. Cerca de 55,5% dos pibidianos respondentes participaram de assembleias no período do movimento grevista, experienciando de perto as práticas políticas e coletivas. Muitos apontaram que observar e conversar com os docentes em greve ajudou a perceber o papel do professor não só como transmissor de conteúdos, mas como agente de ensino político e transformador (Freire, 2004).

Ambos os grupos relataram preocupações com os impactos da greve sobre os alunos no processo de ensino-aprendizagem, que, por sua vez, são julgados os mais prejudicados por esse evento. Entre os pibidianos, 80% das falas no Eixo 3 “Impactos da paralisação na Educação Básica” relatam prejuízos no calendário e interrupção do conteúdo, mas reconhecendo que são impactos que podem trazer reflexão e consciência crítica sobre a educação pública. Destaca-se ainda que os pibidianos, por estarem em formação docente inicial, vivenciam uma transição do olhar para a educação entre o “ser aluno” e o “ser professor”, o que os faz reconhecer a importância da luta da classe, mas também compreendem os impactos pedagógicos de uma greve enquanto estudantes do ensino superior.

Entre os professores, 100% consideraram significativo que os alunos sejam informados sobre as razões da greve, e 75% dessas respostas se encaixam no Eixo 4 sobre a formação da consciência crítica e política dos estudantes. Essas respostas evidenciam que a greve é uma luta que abrange toda a comunidade escolar. Os professores afirmam que o movimento gera atrasos no calendário e interrupções no conteúdo, porém destacam que essas perdas são recuperáveis e justificáveis diante da necessidade de defender condições melhores de ensino. Nesse cenário, conforme Monteiro *et. al.* (2016) ocorre um conflito entre dois

direitos fundamentais reconhecidos juridicamente, quais sejam o direito à educação e o direito à greve. Os autores ressaltam

o conflito de direitos fundamentais que se estabelecem quando da realização de paralisações do trabalho em serviços considerados essenciais, notadamente no campo da educação. [...] Ao mesmo tempo em que não se pode negar aos trabalhadores do setor de ensino o direito à realização de movimentos paredistas, tampouco se pode ignorar que sua consumação afeta diretamente a terceiros (Monteiro *et. al.*, 2016, p. 100).

As falas apresentaram também discordâncias quanto aos resultados da greve (Eixo 5). Parte dos professores relatou insatisfação com o desfecho abrupto do movimento, alegando que a pauta não foi atendida e que os avanços foram ínfimos. Metade dos professores (50%) expressou percepções de dúvidas e desrespeito às reivindicações, conforme exposto no Eixo 5 “Divergências e percepções críticas”. Enquanto 43,8% julgam que houve apenas avanços parciais, 56,2% afirmam não ter percebido mudanças concretas.

Em contrapartida, os pibidianos mostraram uma visão mais formativa: 70% das respostas indicaram o Eixo 4 “Formação docente e consciência críticas”, dado que o acompanhamento da greve de perto foi importante para a compreensão do cotidiano da profissão e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento à classe de professores. Essa diferença de percepções reflete o ponto de vista de cada comunidade: enquanto os docentes já vivenciaram anos de frustração com as políticas públicas, os licenciandos estão no momento de aprendizagem e de vislumbre de um espaço de crescimento e aceitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da greve de 2025 para os professores e pibidianos representou um marco significativo, pois proporcionou uma visão mais abrangente e crítica sobre a profissão docente e sobre a formação dos licenciandos. A vivência possibilitou o amadurecimento de uma consciência mais reflexiva e engajada, aproximando as experiências dos docentes e as de formação dos futuros professores. A interação permitiu que diferentes gerações de educadores pudessem refletir sobre o papel social da escola e sobre a importância da luta.

Em geral, os resultados dos relatos indicam que a greve, apesar de todas as tensões e desgastes, foi vivida como um grande espaço de diálogo e formação. Professores e pibidianos refletiram, experienciaram e compreenderam, ao final — mesmo que de formas diferentes — o significado da docência em tempos de sucateamento. O movimento grevista se mostrou não apenas como uma paralisação, mas como um processo educacional coletivo, no qual todos reafirmaram a relevância do trabalho docente e a importância de se posicionar frente às injustiças e desafios ao longo da carreira. A partir dos resultados apresentados, é possível

compreender os impactos e aprendizados gerados pela greve, o que dá força para o papel formativo e social dessa experiência.

Por fim, o Pibid mostrou-se, mais uma vez, um espaço fundamental de proximidade entre universidade e escola, fazendo com que os licenciados vivenciem a docência em sua completude, fortalecendo a formação de professores comprometidos com a educação pública, gratuita e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nosso agradecimento aos participantes desse estudo, à Universidade de Brasília (UnB), ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento concedido.

REFERÊNCIAS

- BRASIL Lei nº 7.783, de 28 de junho de 1989. Dispõe sobre o exercício do direito de greve, define as atividades essenciais, regula o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, p. 10.561, 1989.
- FRANÇA, Josimar F. De. Greve: uma revisão bibliográfica nos contextos jurídico e social. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 05, V. 06, p. 243-255. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 195-204. 1983.
- Rosso, S. D.; Lúcio, M. L. O sindicalismo tardio na educação básica no Brasil. **Debates Contemporâneos**, n. 33, ano XIV, p. 113-125, 2004. Disponível em: <O sindicalismo tardio na educação básica no Brasil>. Acesso em: 16 de out. 2025.
- SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL (SINPRO-DF). Manual da greve 2017. Brasília, DF: **Sinpro-DF**, 2017. Manual. Disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/>. Acesso em: 16 out. 2025.
- MINAYO, Maria C. S.. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2004.
- MONTEIRO, Carolina M.; PACHECO, Flávia, ALONSO, Ellen; MARTINS, Giovana L.; CARDOSO, Iara O.; BENEDITO, Luís H.; JORGE, Giselle G. G. B.; CABRAL, Guilherme

P.; FILHO, Manoel C. T.. DIREITO À EDUCAÇÃO X DIREITO DE GREVE. **Revista Faculdades do Saber**, v. 1, n. 02, p. 100-107, 2016.

RIBEIRO, Arthur. Professores pedem recomposição salarial em manifestação nesta quarta.

Correio Braziliense, Brasília, 27 abr. 2022. Disponível em:
<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2022/04/5003618-professores-protestam-por-melhores-salarios-em-frente-ao-buriti.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

SINPRO-DF. Atenção para a reposição da aula referente à paralisação do dia 24 de março.

SINPRO-DF – Sindicato dos Professores no Distrito Federal, 07 abr. 2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/atencao-para-a-reposicao-da-aula-referente-a-paralisacao-do-dia-24-de-marco/>. Acesso em: 16 out. 2025.

VIEIRA, Arthur. Professores do Distrito Federal decidem por não realizar greve. **Correio Braziliense**, Brasília, 01 jun. 2022. Disponível em:
<https://www.correiobraziliense.com.br/eustudante/educacao-basica/2022/06/5012168-professores-do-df-decidem-por-nao-realizar-greve-em-assembleia.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

SINPRO-DF. As vitórias de 2012 e as lutas de 2022. **SINPRO-DF – SINPRO-DF - Sindicato dos Professores no Distrito Federal**, Brasília, 15 mar. 2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/vitorias-2012-lutas-2022/>. Acesso em: 16 out. 2025.

SINPRO-DF. Educadores(as) suspendem greve com vitórias importantes. **SINPRO-DF – Sindicato dos Professores no Distrito Federal**, Brasília, 25 de maio 2023. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/suspensao-da-greve/>. Acesso em: 16 out. 2025.

SINPRO-DF. Acompanhe os pontos do Acordo de Greve conquistados pela categoria. **SINPRO-DF – Sindicato dos Professores no Distrito Federal**, Brasília, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/acompanhe-os-pontos-do-acordo-de-greve-conquistados-pela-categoria-3/>. Acesso em: 16 out. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. Professores do DF farão assembleia na próxima quarta-feira; com paralisação das aulas. **Eu Estudante – Ensino Superior**, Brasília, 20 maio 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/eustudante/ensino-superior/2024/05/6861226-professores-da-rede-publica-do-df-farao-assembleia-na-proxima-quarta-feira.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

LUCHETTA, Giulia. Professores do DF votam para manter paralisações em abril e maio. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 mar. 2024. Disponível em:
<https://www.correiobraziliense.com.br/eustudante/educacao-basica/2024/03/6822038->

<professores-do-df-votam-para-manter-paralisacoes-em-abril-e-maio.html>. Acesso em: 16 out. 2025.

SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL (SINPRO-DF). Convoca Já

– Diante da luta da categoria, 1.600 professores e 40 orientadores educacionais serão nomeados em maio. **SINPRO-DF – Sindicato dos Professores no Distrito Federal**, 20 maio 2024. Disponível em: Sinpro-DF. Acesso em: 16 out. 2025.